

CAPACITAÇÃO TÉCNICA E SEUS BENEFÍCIOS PARA COMUNIDADE DE AGRICULTURA FAMILIAR

Luiz Cláudio Antonio Nogueira¹
Sonia Maria Pessoa Pereira Bergamasco²

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa analisou a importância de uma Escola Técnica estar inserida no próprio meio rural para atender as necessidades da comunidade. A Escola Técnica de Agricultura Familiar – ETAF – Pedro Pomar está localizada no assentamento Pirituba, área III, Bairro de Água Azul, no município de Itaberá – SP. A Escola atende aos jovens provenientes do assentamento Pirituba, áreas I, IV e VI pertencentes ao município de Itapeva – SP, e áreas II, III e V situadas no município de Itaberá - SP e também filhos de agricultores familiares desses municípios.

Para realização da pesquisa foram aplicados questionários aos alunos ingressantes em julho de 2004 - quando da inauguração da Escola – e em fevereiro de 2005 e 2006, totalizando três turmas. Novo questionário foi realizado, com esses alunos, aproximadamente dois anos após a conclusão do curso. Durante esse período, além dos questionários, realizou-se entrevista informal e observação participante, como complementação na obtenção dos dados.

Pela análise dos dados constatou-se que a ETAF trouxe benefícios para a comunidade, por atender a jovens que dificilmente conseguiriam prosseguir nos estudos, devido às distâncias entre suas propriedades e Escolas Técnicas mais próximas. Observou-se também melhoras na estrutura da propriedade, e oportunidades profissionais, tanto dentro como fora desta. Percebeu-se, porém, alguns entraves que precisam ser suplantados para que a ETAF continue a atender dignamente os atores sociais do campo, na qual ela é parte importante para o processo de desenvolvimento rural sustentável.

Palavras Chave: agricultura familiar, jovem rural, educação no campo.

¹ Doutor, Faculdade de Ciência Sociais e Agrárias de Itapeva, lcantogueira@yahoo.com.br

² Doutora, UNICAMP, sonia@feagri.unicamp.br

ABSTRACT

The present work analyzed the importance of a Technical School inserted in within agricultural area to fulfill the necessities of the community. The Technical School of Family Farming (*Escola Técnica de Agricultura Familiar* - ETAF – Pedro Pomar is located in Pirituba settlement, area III, Água Azul , in Itaberá town, Sao Paulo State. The school takes care of the youth proceeding from Pirituba settlement, areas I, IV and VI in Itapeva town, also in Sao Paulo State ; and areas II, III and V situated in the Itaberá town, as well as the children of familiar agriculturists of these cities.

For the accomplishment of the research, questionnaires were applied to the freshmen students in July of 2004 – at the inauguration of the School - and in February of 2005 and 2006, totalizing three groups. New questionnaire was carried out with these students, approximately two years after graduation. During this period, besides the questionnaires, informal interview and participant observation were held, as a complement to obtained data.

For the analysis of the data, it was evidenced that the ETAF brought benefits for the community, for taking care of the youth that would hardly continue the studies, due the distances between their properties and the nearest Technical Schools. It was also observed that there were improvements in the structure of the property, and professional opportunities, either inside or outside them. It was noticed, however, some impediments that need to be supplanted so that the ETAF continues to serve worthily the social actors of the field, in which it is an important part for the process of sustainable agricultural development.

Keywords: Familiar Farming, Education, Rural Youth

1. Introdução

Considera "agricultura familiar" aquela em que os trabalhos em nível de unidade de produção são exercidos predominantemente pela família, preservando ela a iniciativa, o domínio e o controle do que e do como produzir, havendo uma relação estreita entre o que é produzido e o que é consumido, mantendo também um alto grau de diversificação produtiva, tendo alguns produtos relacionados com o mercado*. E subentende-se como Agricultor(a) Familiar: agricultores familiares tradicionais, famílias

assentadas por programas de Reforma Agrária, extrativistas florestais, quilombolas, ribeirinhos, indígenas, pescadores artesanais e outros beneficiários dos programas da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), da Secretaria de Agricultura Familiar (SAF) do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). (BRASIL, 2005)

A Lei 11.326/06, de 24 de julho de 2006, (BRASIL, 2006) que estabelece a Política Nacional de Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais reconhece a agricultura familiar como segmento produtivo e adota, operacionalmente, quatro critérios para definir o que é agricultura familiar:

- 1) que é praticada em área de no máximo quatro módulos fiscais (para o Estado de São Paulo cada módulo corresponde a vinte hectares, ou 200.000 metros quadrados);
- 2) aquela que utiliza mão-de-obra da própria família;
- 3) que extrai sua renda familiar das atividades econômicas desenvolvidas na propriedade;

* No seu sentido clássico, Agricultura Familiar é aquela que associa trabalho, família e produção. Trata-se de uma abordagem elaborada por Chayanov em seu clássico estudo “La organización de la unidad económica campesina” (1974). Ver também a respeito, Abramovay (1992) e Wanderley (1998).

- 4) que tem o estabelecimento ou o empreendimento dirigido pela própria família.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) em 1995 apresentaram dados revelando que aproximadamente 85% do total de propriedades rurais do país pertencem a grupos familiares. São 13,8 milhões de pessoas que têm na atividade agrícola praticamente sua única alternativa de vida, em cerca de 4,1 milhões de estabelecimentos familiares, o que corresponde a 77% da população ocupada na agricultura. Cerca de 60% dos alimentos consumidos pela população brasileira e 37,8% do Valor Bruto da Produção Agropecuária são produzidos por agricultores familiares.

O Censo Agropecuário de 2006, realizado pelo IBGE, identificou 4.367.902 estabelecimentos da agricultura familiar, ou 84,4% do total, ocupando 80,25 milhões de hectares, com 24,3% da área dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. Já os

estabelecimentos não familiares representam 15,6% do total dos estabelecimentos, e ocupam 75,7% da sua área.

A concentração de terras também é nítida comparando-se a área média dos estabelecimentos familiares (18,37 ha) com a dos não familiares (309,18 ha).

Dos 80,25 milhões de hectares da agricultura familiar, 45% são destinados a pastagens, 28% de matas, florestas ou sistemas agroflorestais e, 22% com lavouras. A agricultura não familiar também seguiu esta ordem, mas a participação de pastagens e matas e/ou florestas é um pouco maior (49% e 28% respectivamente), enquanto que área para lavouras é menor (17%).

A participação da área das matas destinadas à preservação permanente ou reserva legal e de áreas utilizadas com matas e/ou florestas naturais foi em média de 10% e 13%, respectivamente, nos estabelecimentos familiares.

Mesmo cultivando uma área menor com lavouras e pastagens (17,7 e 36,4 milhões de hectares, respectivamente), a agricultura familiar é encarregada de garantir boa parte da segurança alimentar do país, como importante fornecedora de alimentos para o mercado interno. Sendo responsável por 87% da produção nacional de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% do milho, 38% do café (parcela constituída por 55% do tipo robusta ou conilon e 34% do arábica), 34% do arroz, 58% do leite (composta por 58% do leite de vaca e 67% do leite de cabra), 59% do plantel de suínos, 50% das aves, 30% dos bovinos e, ainda, 21% do trigo. A cultura com menor participação da agricultura familiar foi a soja (16%).

Cerca de 3,9 milhões de estabelecimentos familiares declararam algum valor de produção, cujo total atingiu R\$ 143,8 bilhões em 2006. A agricultura familiar foi responsável por 38% (ou R\$ 54,4 bilhões) desse total. A produção vegetal gerou 72% do valor da produção da agricultura familiar, especialmente com as lavouras temporárias (42% do valor da produção) e permanentes (19%). Em segundo lugar vinha a atividade animal (25%), especialmente com animais de grande porte (14%).

Essa importância é ainda maior considerando-se que a agricultura familiar cria oportunidade de trabalho local, reduzindo o êxodo rural, diversificando a atividade.

A nova Política Nacional de Ater (Assistência Técnica e Extensão Rural) propõe a formação de um novo profissional de extensão rural, capacitado para atender o público prioritário dessa nova política, o agricultor familiar (Brasil, 2005).

Destacando como princípios:

- Assegurar, com exclusividade aos agricultores familiares, assentados por programas de reforma agrária o acesso a serviço de assistência técnica e extensão rural pública, gratuita, de qualidade e em quantidade suficiente, visando o fortalecimento da agricultura familiar;

- Contribuir para a promoção do desenvolvimento rural sustentável, com ênfase em processos de desenvolvimento endógeno, apoiando os agricultores familiares na potencialização do uso sustentável dos recursos naturais;

- Adotar uma abordagem multidisciplinar e interdisciplinar, estimulando a adoção de novos enfoques metodológicos participativos e de um paradigma tecnológico baseado nos princípios da Agroecologia;

- Estabelecer um modo de gestão capaz de democratizar as decisões, contribuir para a construção da cidadania e facilitar o processo de controle social no planejamento, monitoramento e avaliação das atividades, de maneira a permitir a análise e melhoria no andamento das ações;

- Desenvolver processos educativos permanentes e continuados, a partir de um enfoque dialético, humanista e construtivista, visando a formação de competências, mudanças de atitudes e procedimentos dos atores sociais, que potencializem os objetivos de melhoria da qualidade de vida e de promoção do desenvolvimento rural sustentável.

Dentro desse novo paradigma da extensão rural além do técnico ter que estar capacitado para atender o agricultor familiar, deve estar acima de tudo, comprometido com o desenvolvimento rural sustentável.

Todas essas propostas exigem muita mobilização política, social e econômica para serem realizadas, e conseqüentemente demanda tempo para sua conclusão, tempo esse que os atores do campo não dispõem.

Baseado na hipótese de que para alcançar os objetivos propostos acima, a base está na educação voltada para os jovens rurais, e que essa educação deve ser diferenciada das escolas técnicas tradicionais. E para atingir esses propósitos é que foi proposta a criação da Escola Técnica de Agricultura Familiar - ETAF.

A ETAF – Escola Técnica de Agricultura Familiar – Pedro Pomar, está localizada no Bairro de Água Azul, Agrovila III, município de Itaberá, Estado de São Paulo, Brasil.

O projeto educacional da ETAF tem por objetivo formar o técnico em Agricultura Familiar, sendo, este, resultado de uma parceria entre o Centro Paula Souza através da ETEc – Escola Técnica Estadual Dr. Dario Pacheco Pedroso localizada no município de Taquarivai, Estado de São Paulo e o Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) e a comunidade local, e também fornecer cursos de capacitação profissional para a comunidade.

A ETAF fornece o Curso Técnico em Agricultura Familiar, que é composto de 3 (três) Módulos semestrais, sendo cada um composto pelas Qualificações: Produção Vegetal, Produção Animal e Produção Agroindustrial, onde as aulas teóricas são ministradas por docentes do Centro Paula Souza e as atividades práticas realizadas pelos técnicos do ITESP.

O corpo discente é formado por filhos de agricultores familiares dos bairros rurais do município de Itaberá - SP e por filhos de assentados pertencentes ao Assentamento da Fazenda Pirituba: Agrovilas I, IV e VI localizadas no município de Itapeva – SP e Agrovilas II, III e V do município de Itaberá – SP, caracterizando-se como moradores de estabelecimentos “*familiares puros*”, que não contratam nenhum tipo de trabalho externo à família do produtor (BERGAMASCO, 1993).

A Escola Técnica de Agricultura Familiar – Pedro Pomar, que tem como meta proporcionar a formação técnica e capacitação profissional a jovens, para que estes adquiram conhecimentos adequados e suficientes para atuarem com tecnologias alternativas baseados na agroecologia; elaborar projetos de produção viáveis; realizar a gestão da propriedade, buscando melhorar a produção, e conseqüentemente aumento na renda e a sua manutenção no campo. Todo o conteúdo pedagógico das aulas está direcionado ao ensino de métodos e tecnologias adaptadas à agricultura familiar, buscando a necessária transmissão de conhecimentos sobre as novas tecnologias agrícolas disponíveis, baseados na Agroecologia.

As atividades teórico-práticas da ETAF estão voltadas para os novos desafios dos serviços públicos de Ater, utilizando metodologias participativas, onde os docentes devem desempenhar o papel educativo, atuando como facilitadores de processos de desenvolvimento rural sustentável, privilegiando o potencial endógeno das comunidades e territórios, resgatando e interagindo com os conhecimentos dos agricultores familiares (BRASIL, 2005).

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo geral avaliar a importância e eficiência da Escola Técnica de Agricultura Familiar – Pedro Pomar, através dos jovens que nela se formaram. E tem como objetivos específicos avaliar o desenvolvimento das propriedades através das tecnologias, técnicas e administração utilizadas, os produtos produzidos e comercialização destes; analisar o atendimento as necessidades de assistência técnica e extensão rural e também da segurança alimentar; verificar a permanência do jovem na propriedade e os benefícios desta; analisar os benefícios da Escola na vida profissional e propriedade dos alunos; analisar os métodos de ensino aplicados na ETAF; e analisar a atuação do corpo docente da Escola.

2. Caminhos Metodológicos da Pesquisa

2.1. Caracterização da área de estudo

O estudo foi realizado na ETAF - Escola Técnica de Agricultura Familiar – Pedro Pomar, localizada no Assentamento Pirituba, Agrovila III, Bairro de Água Azul, município de Itaberá, Estado de São Paulo, Brasil. Segundo dados do Censo 2000 a população total do município é de 18.911 pessoas, com 11.100 moradores da zona

urbana e 7.811 pertencentes a zona rural. Essa população conta com 9.597 homens e 9.314 mulheres. A cidade de Itaberá está localizada a aproximadamente 310 Km da capital paulista, e a ETAF dista 12 Km do centro da cidade.

2.2. Técnicas utilizadas para levantamento dos dados

Para coleta dos dados utilizou-se de questionários, sendo esta uma técnica de investigação composta por questões apresentadas na forma escrita às pessoas com o objetivo de conhecer suas opiniões, sentimentos, expectativas, interesses, etc.

Outro método de coleta de dados utilizado foi a entrevista, esta é uma técnica em que o entrevistador se apresenta ao entrevistado e formula perguntas, com o objetivo de obter dados que interessam à investigação, sendo esta uma forma de interação social.

Além do questionário e da entrevista informal, utilizou-se da observação participante como técnica de coleta de dados. A observação participante ou ativa, consiste na participação real da vida da comunidade, de um grupo ou determinada situação, chegando ao conhecimento da vida deste grupo a partir do interior dele próprio. Ela pode assumir duas formas distintas, a natural, quando o observador pertence ao grupo ou comunidade; e a artificial onde o observador se integra ao grupo para realizar uma observação (GIL, 2006). Utilizamos neste trabalho de pesquisa a observação participante artificial.

2.2.1. Estrutura do questionário aplicado aos alunos ingressantes

As questões levantadas para os alunos ingressantes se referem aos dados dos alunos e família (idade e sexo, profissão dos pais, mães e aluno, origem e tamanho da propriedade, tempo de posse da propriedade, trabalho e empregados da propriedade, renda familiar), características da propriedade (tecnologias, técnicas e administração da propriedade, assistência técnica e extensão rural, produtos produzidos na propriedade, comercialização dos produtos) e segurança alimentar (produtos utilizados na alimentação e necessidades com relação a alimentação)

2.2.2. Estrutura do questionário aplicado aos jovens formados

No questionário constavam além das perguntas iguais as que já tinham respondido quando ingressaram na Escola, outras referentes aos resultados que o estudo proporcionou, onde aparecem questões como as referentes a situação atual do jovem

(permanência na propriedade); a ETAF e o jovem formado (benefícios para a propriedade, benefícios para a vida profissional; o ensino na ETAF (métodos de ensino da ETAF, ETAF comparada com o Ensino Médio) e a análise dos professores da ETAF.

2.3. Definição do universo de pesquisa

2.3.1. Alunos ingressantes

Os alunos matriculados pertencem ao Assentamento Pirituba (áreas I, IV e VI, pertencentes ao município de Itapeva e áreas II, III e V, do município de Itaberá) e propriedades familiares vizinhas dos municípios de Itaberá, em sua maioria, e Itapeva, estado de São Paulo. Os alunos do município de Itapeva são transportados por 27 Km para chegar a Escola. Em sua primeira semana de aula os alunos responderam a um questionário com o objetivo de conhecer o perfil do aluno ingressante, de sua família e propriedade. Os alunos foram separados em três grupos, de acordo com o ano em que iniciaram o Curso na ETAF, onde o grupo, classe ou turma 1 (um) são os ingressantes no mês de julho de 2004, quando foi inaugurada a Escola; o grupo 2 (dois) são os ingressantes em fevereiro de 2005; e o grupo 3 (três) os matriculados em fevereiro de 2006.

2.3.2. Alunos formados

Após aproximadamente, dois anos de sua formatura os alunos foram procurados por este pesquisador para aplicar novo questionário onde novamente responderam as perguntas feitas quando de seu ingresso na ETAF e outras avaliando a Escola, o curso, e os resultados de sua formação. As pesquisas foram realizadas nas seguintes datas: os alunos ingressantes em julho de 2004, se formaram em dezembro de 2005 e foram contatados entre os meses de novembro de 2006 a fevereiro de 2007; os matriculados em fevereiro de 2005, concluíram o curso em julho de 2006 e foram procurados entre os meses de maio a agosto de 2008; e os que iniciaram o curso em fevereiro de 2006, terminaram em julho de 2007 e foram pesquisados entre os meses de maio a julho de 2009.

Todos os alunos formados foram localizados e responderam os questionários. Para alguns o questionário foi entregue em mãos, onde se aproveitou a oportunidade para conversar diretamente com o jovem e visitar a propriedade. Enquanto para outros o questionário foi deixado na comunidade para ser entregue ao jovem e depois de uma a duas semanas passava para pega-lo.

2.4. Procedimentos para análise dos dados

Os dados obtidos nos questionários foram tabulados e examinados através da análise estatística trabalhada em termos de frequência simples relativa em porcentagem (fri%), sendo esta o quociente entre a frequências absolutas simples (fi), que é definida como o número de vezes ou de informações verificadas em cada classe, e a frequência total (ft), que representa a soma de todos os elementos observados nas frequência absolutas simples, ou seja:

$$\text{fri\%} = \frac{\text{fi}}{\text{ft}} \times 100$$

3. Resultados e Discussão

3.1. Dados dos alunos

No levantamento relativo ao sexo dos alunos pode-se observar que houve uma predominância do sexo feminino com algumas variações com relação aos anos analisados. No ano de 2004 verificou-se que 65% do corpo discente era formado por meninas contra 35% de meninos. Em 2005 houve uma ligeira inversão com 57% dos jovens do sexo masculino e 43% do feminino. Já em 2006 o número de alunas superou novamente o de alunos, com 60% e 40% respectivamente. (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos alunos ingressantes na ETAF segundo idade e sexo, 2004, 2005 e 2006.

		Sexo														
		2004					2005					2006				
		Masculino		Feminino			Masculino		Feminino			Masculino		Feminino		
				Total					Total					Total		
Idade	n	fri %	n	fri %	%	n	fri %	n	fri %	%	n	fri %	n	fri %	%	
15 anos ou menos	0	0	2	5	5	1	3	1	3	6	2	6	4	11	17	
de 16 a	6	15	21	53	68	11	31	11	31	63	9	26	15	43	69	

19 anos															
de 20 a 25 anos	7	18	3	8	25	7	20	2	6	26	3	9	2	6	14
de 26 a 30 ano	1	3	0	0	3	1	3	1	3	6	0	0	0	0	0
Total	14	35	26	65	100	20	57	15	43	100	14	40	21	60	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

O número superior do sexo feminino ao de masculino se deveu a maior disponibilidade das jovens para estudar. De maneira geral, de acordo com o DESER (1999), as moças estudam mais do que os rapazes. Segundo DURSTON (1996a) as moças possuem mais anos de educação formal que os moços.

Com relação a idade dos jovens do sexo masculino, constatou-se que no ano de 2004, a maior concentração estava entre 20 – 25 anos, com 50% e 16 – 19 com 43%; apenas 7% tinha idade entre 26 – 30 anos e nenhum com idade de 15 anos ou menos. No ano de 2005 houve uma inversão onde jovens entre 16 -19 anos totalizaram 55%, seguido dos com idade entre 20 - 25 anos com 35%; e 5% tanto para os com idade entre 26 – 30 anos ou 15 anos ou menos. O grupo de alunos de 2006 manteve a tendência do ano anterior onde 79% dos alunos possuíam idade entre 16 -19 anos; 29% idade entre 20 – 26, e acontece um dado novo, a porcentagem de alunos com 15 anos ou menos tem um forte acréscimo com 21% do total, e não aparece aluno com idade de 26 – 30 anos. (Tabela 1).

WANDERLEY (2003) classifica a juventude rural como um período de transição entre a infância e a idade adulta, e as idades variam entre 15 e 24 anos, de ambos os sexos, membro de uma família de agricultores e pertencentes a uma comunidade rural. A maior concentração de jovens, desta faixa etária, ocorreu porque com a abertura da Escola muitos jovens que buscavam uma oportunidade de continuar o estudo, mas estavam impossibilitados devido a dificuldade de sair da propriedade e ir

para uma escola técnica mais próxima que fica a 70 Km de distância, conseguiram se organizar junto aos familiares para que esse desejo fosse realizado. Os próprios pais também vislumbraram a circunstância favorável para o filho obter uma formação técnica, liberando-o de seus afazeres domésticos e incentivando-o a para freqüentar a Escola. O baixo número de estudantes com mais de 26 anos se deveu ou a esse jovem já estar casado o que dificulta sua participação, porque assumiu obrigações com sua família, ou é o responsável pelas tarefas da propriedade e não conseguiu liberar tempo para estudar, ou até porque acha que já passou da idade para continuar seus estudos. DURSTON (1996) constatou que os jovens rurais com idade entre 25 e 30 anos, e possíveis sucessores da unidade familiar, assim como os pais, também possuem um baixo nível de escolaridade, dificultando o exercício da profissão de agricultor, uma vez que as novas tecnologias, formas de organização da produção e transformação dos produtos, exige novas capacidades e competências, que exigem um nível educacional e de conhecimentos são mais elevados.

Não houve alunos com 15 anos ou menos, porque uma das exigências para cursar a Escola era ter a 1ª série do Ensino Médio concluída, ou seja, estar cursando o 2ª série do Ensino Médio. Para o ano de 2005 continuou a mesma tendência de 2004. Já para a turma de 2006 houve um considerável acréscimo de alunos com idade de 15 anos ou menos, porque foi dada uma abertura no critério explicado acima, ou seja, permitiu-se que alunos da 1ª série do Ensino Médio freqüentassem o curso técnico ministrado na Escola.

A mesma análise realizada para jovens do sexo feminino observou-se que no ano de 2004 houve uma grande concentração de alunas na faixa dos 16 – 19 anos com 81% do total, seguida da idade entre 20 -25 com 12%; 8% com 15 anos ou menos e nenhuma com idade entre 26 – 30 anos. Para a turma de 2005 essa tendência se manteve com 80% com idade de 16 – 19 anos e 13% com 20 – 26 anos; verificou-se que 7% apresentavam idade de 26 – 30 anos e também 7% com 15 anos ou menos. Em 2006 a maior concentração permaneceu na idade de 16 - 19 anos com 71% das alunas ingressantes, porém, em segundo lugar aparecem as que possuíam 15 anos ou menos com 19%; seguida das com idade entre 20 – 26 anos com 10% e nenhuma aluna com idade de 26 – 30 anos. (Tabela 1).

Com relação a idade das alunas observou-se que a maior concentração está entre 16 e 19 anos para os três períodos analisados. Este fato se deveu porque esta é a idade em que a jovem está cursando ou que concluiu recentemente o Ensino Médio. Ainda está em ritmo de estudo e a oportunidade de uma formação técnica pode ajudar na própria propriedade ou na busca de outros horizontes fora desta. É um período em que a família, embora muitas vezes utilize essa força de trabalho, faz questão que a filha estude, e a Escola serviu para preencher a lacuna deixada após a conclusão do Ensino Médio. A quantidade de alunas entre 20 a 25 anos é bem inferior quando comparada com os alunos nos três anos estudados. Essa é uma idade que a jovem já está casada, e tem dificuldade para deixar o lar para estudar, tendo como motivos, o próprio marido que não permite, ou precisa cuidar dos filhos, ou ainda exerce função na propriedade e não pode se ausentar por longo período. Acima dos 26 anos apenas uma aluna frequentou a Escola no ano de 2005, pois era solteira e morava com os pais e estava juntamente com o irmão assumindo a direção da propriedade familiar. As alunas com 15 anos ou menos seguiram a mesma tendência dos alunos e esse fato ocorreu pelo mesmo motivo descrito acima.

3.2. Situação Atual do Jovem

3.2.1. O Jovem Permanece na Propriedade

Quando perguntado aos alunos formados se eles continuavam residindo na propriedade, obtivemos os seguintes resultados: para os formandos que iniciaram o curso em 2004, 84% responderam que sim e 16% que não, uma vez que todos possuíam propriedade rural. No grupo que começou o curso em 2005, 75% continua na propriedade, 13% não está mais e 13% não possui propriedade rural. Dos alunos que foram matriculados em 2006, 88% ainda residem no estabelecimento rural, enquanto 6% não mais, e ainda 6% não possui propriedade rural. (Tabela 2). Desses totais de formados que deixaram a propriedade, a maioria é formada pelas jovens, sendo 4 (quatro) da turma de 2004; 3 (três) de 2005; e 2 (duas) em 2006.

Tabela 2. Distribuição dos alunos formados na ETAF segundo a continuidade em sua unidade produtiva, 2004, 2005 e 2006.

2004		2005		2006	
alunos	fri %	alunos	fri %	alunos	fri %

Sim	27	84	24	75	28	88
Não	5	16	4	13	4	13
Não possuem propriedade	0	0	4	13	2	6
Total	32	100	32	100	32	100

Fonte: Dados da Pesquisa

Observamos que a grande maioria dos formados continuam na propriedade, contrariando a colocação de DURSTON (1996) em que fica no campo o filho ao qual *“la cabeza no le dá para más”*, os jovens pesquisados estão ficando no campo após receberem uma formação técnica. De acordo com CASTRO (2005) o jovem rural pode ser o agente de uma transformação social que resgate o campo.

Apesar da proximidade das cidades para as áreas onde residem os alunos analisados, em torno de 20 Km de distância para os moradores do assentamento Pirituba áreas I, IV e VI até a cidade de Itapeva, e aproximadamente 20 Km também dos assentados nas áreas II, III, V e agricultores familiares ao redor, para a cidade de Itaberá. Percebeu-se pelas respostas dos alunos o pouco interesse em trocar o campo pela cidade. Os jovens cursaram o Ensino Médio em escolas de Itapeva, Itaberá ou no distrito de Engenheiro Maia, pertencente ao município de Itaberá, havendo um constante trânsito entre as áreas urbana e rural, aos quais os jovens rurais acabam aderindo aos modos de se vestir, agir, falar, utilizando gírias, expressões e equipamentos da moda, como celulares, MP 3, 4, 5 e até na maneira de se relacionarem. O mesmo foi constatado por CASTRO (2004) e PEREIRA (2004). Porém, esse contato não é razão suficiente para ele mudar para a cidade, deixando a propriedade e principalmente a família, pela qual tem forte laço afeto e segurança. PEREIRA (2004) verificou que os jovens, preferem continuar morando no campo, porque consideram o melhor lugar para viver.

Alguns jovens que permaneceram na propriedade disseram que mesmo que quisessem não poderiam abandonar a propriedade, pois os pais precisavam de sua ajuda *“para tocar a terra”* e eles se sentem com o compromisso de fazerem a propriedade lucrativa, *“não podemos abandonar a terra que nossos pais conquistaram”* (F.C.F.N.). LAMARCHE (coord.1993) mostra que o emprego externo apresenta-se como fracasso ou impossibilidade de optar por alternativas agrícolas e locais.

Dos jovens que foram morar na cidade, dois foram cursar a Faculdade de Agronomia, um em Itapeva-SP, e outros três na cidade de Iaras-SP, em um projeto do PRONERA/UFSCAR. Duas jovens casaram-se e foram morar em Itapeva, “*não queria deixar a propriedade de meu pai, depois do curso tava ajudando bastante lá, mas meu marido arrumou emprego aqui e tivemos que vir*” (E.L.G.). “*Vim prá cidade por causa de meu marido, mas todo fim de semana tô na casa de meus pais*” (V.P.de C.S.). Os demais jovens, sendo 6 (seis) moças e 1 moço, foram para a cidade de Itapeva para trabalhar no comércio, manicure, mecânico. CASTRO (2004) analisa que o êxodo dos jovens ocorre devido aos seus interesses pela cidade e por uma inserção profissional. Constatamos que esse grupo de jovens em busca de melhores condições de vida apesar de dizerem que sentem muita falta do campo, e principalmente da família, “*mesmo tendo mais gente em todo lugar, as vezes dá uma solidão aqui*” (S.A.M.), “*se conseguisse ganhar o que ganho aqui no campo, não tinha saído de lá*” (E.L.P.D); “*no começo era tudo novidade, tinha um monte de lugar para ir de noite, coisa que não tinha no campo, agora chego tão cansada, depois do trabalho, que vou assistir e dormir*” (S.M.L). CAMPOLIN (2000) verificou que o abandono do campo pelos jovens não é uma opção pessoal, mas a busca por melhores condições de vida, visto que eles preferem ficar no campo se conseguirem viver desse trabalho.

3.3. A ETAF e o Jovem Formado

3.3.1. Benefícios para a Propriedade

Os alunos formados também foram questionados quanto aos benefícios que sua passagem pela ETAF trouxe com relação a sua propriedade. Se ele conseguiu aplicar o que aprendeu, se houve alguma melhoria com relação as prática, de uma maneira geral, ou seja, em que a Escola contribuiu em relação às atividades da propriedade, cujos dados são mostrados abaixo.

Para o grupo de 2004, 94% disseram que sim, a Escola trouxe benefícios a propriedade, enquanto 6% não perceberam melhora; todos os alunos formados possuíam propriedade rural. A turma de 2005 relatou que houve um ganho para propriedade, em 84% dos casos, contra 3% que disseram não vislumbrar ganho; do total de alunos formados nessa turma 13% não possuem propriedade rural. Os formados do grupo de 2006 perceberam benefícios de sua formação na ETAF em 91% dos casos, enquanto 3% não concordam; desse grupo 13% dos alunos não tem propriedade rural. (Tabela 3).

Tabela 3. Distribuição dos alunos formados na ETAF segundo os benefícios da ETAF em relação a sua unidade produtiva, 2004, 2005 e 2006.

	2004		2005		2006	
	alunos	fri %	alunos	fri %	alunos	fri %
Sim	30	94	27	84	29	91
Não	2	6	1	3	1	3
Não tem propriedade	0	0	4	13	2	6
Total	32	100	32	100	32	100

Fonte: Dados da Pesquisa

A grande maioria dos formados percebeu que sua participação na ETAF trouxe benefícios a sua propriedade e isso pode ser observado pelos dados apresentados acima, com relação a tecnologia utilizada, aplicação da administração, técnicas empregadas, produtos produzidos e comercialização destes. Os jovens que não estão mais residindo na propriedade também responderam essa pergunta, porque mesmo estando fora percebem que houve melhorias. E contam que sempre são consultados pelos pais e irmão, quando estão na propriedade. *“Agora comecei a enxergar a propriedade com outros olhos, e comecei a me interessar mais.”* (N.G.M.). *“As coisas que aprendi na ETAF, hoje coloco em prática, principalmente no planejamento da propriedade.”* (F.C.F.N.).

3.3.2. Benefícios para a Vida Profissional

Foram questionados aos alunos formados, das três turmas analisadas, quais os benefícios que a ETAF trouxe em relação a sua vida profissional, e se ela trouxe algum ganho, os resultados obtidos seguem abaixo.

Os formados da turma de 2004 responderam que sim, que tiveram algum ganho profissional estudando na ETAF, em 96% dos casos, contra 6% que não vislumbraram nenhuma melhora em sua vida profissional. Para os formados, matriculado em 2005, responderam em, 91% dos casos, que houve uma melhora em sua vida profissional, em oposição a 9% dos questionados. Os formandos do grupo ingressante em 2006 responderam que sim, houve uma melhora em sua vida profissional, perfazendo 94%

dos dados, e 6% declararam não perceber nenhuma mudança quanto as suas atividades profissionais. (Tabela 4).

Tabela 4. Distribuição dos alunos formados na ETAF segundo os benefícios da ETAF com relação a vida profissional, 2004, 2005 e 2006.

	2004		2005		2006	
	alunos	fri %	alunos	fri %	alunos	fri %
Sim	30	94	29	91	30	94
Não	2	6	3	9	2	6
Total	32	100	32	100	32	100

Fonte: Dados da Pesquisa

Os formados consideram que não só a formação técnica oferecida pela ETAF, mas sim a Escola como um todo colaborou com sua vida profissional, mesmo a maioria continuando na propriedade. *“Com o curso técnico consegui optar pela minha profissão, estudo agronomia.”* (R. M.). *“Aprendi coisas nas aulas teóricas e práticas que jamais esquecerei”.* (M.S.L.). *“A principal coisa foi me motivar a fazer o curso de agronomia”.* (N.G.M.). *“Porque na ETAF eu aprendi e adquiri muitos conhecimentos para toda a vida e me ajudarão ao longo da vida”.* (P.T.M.). *“Aprendi técnicas que não sabia, e na vida profissional e pessoal ajudou no melhor relacionamento com as pessoas”.* (A.E. da S.). *“Ter estudado na ETAF foi um dos principais motivos que me fizeram decidir estudar agronomia, pois facilitou meu entendimento em alguns assuntos. Fui indicada a uma bolsa na UFSCAR e acredito que isso aconteceu pela minha ligação no curso da ETAF”.* (D.S.M.)

3.4. O Ensino na ETAF

3.4.1. Métodos de Ensino da ETAF

Outro ponto questionado, junto aos formados, foi o método de ensino utilizado pela ETAF, através de suas aulas teóricas, práticas, visitas técnicas, palestras, cursos, projetos, entre outros, e também as atividades propostas pelos professores para serem aplicadas em sua propriedade, quando houvesse. As análises realizadas pelos formados das turmas de 2004 2005 e 2006 apresentam-se como segue abaixo.

O grupo de 2004 classificou os métodos utilizados na ETAF como bom em 59% dos casos e ótimo em 41%, nenhum aluno considerou o processo ruim ou indiferente. Os formados de 2005 consideraram a metodologia de ensino utilizada como boa em 53% das respostas e ótima em 47% destas, novamente, nenhum aluno julgou como ruim ou indiferente. A turma de 2006 contemplou os métodos de ensino empregados na ETAF, como bom em 59% e ótimo em 41% dos casos. Nenhum aluno se manifestou indiferente ou analisou com ruim as técnicas de ensino utilizadas. (Tabela 5).

Tabela 5. Distribuição dos alunos formados na ETAF segundo os métodos de Ensino utilizado na ETAF, 2004, 2005 e 2006.

	2004		2005		2006	
	alunos	fri %	alunos	fri %	alunos	fri %
Ruim	0	0	0	0	0	0
Indiferente	0	0	0	0	0	0
Bom	19	59	17	53	19	59
Ótimo	13	41	15	47	13	41
Total	32	100	32	100	32	100

Fonte: Dados da Pesquisa

Todos os formados das três turmas classificaram os métodos de ensino da ETAF como bons ou ótimos. *“Os professores foram capazes de explicar muito bem a matéria e quando surgia uma dúvida eles explicavam novamente”*. (I. de P.). *“Não ficava só na teoria, nós éramos levados para fazer aulas práticas que ajudavam muito a entender melhor”*. (L. A. da S.). *“Porque ensinam bem diferente, pois aprendemos coisas sobre a nossa terra a nossa propriedade”*. (T.A.P.G.). *“Pelos aulas teóricas serem mais detalhadas e as aulas práticas serem bem simples e interessantes”*. (S.M.L.). *“Hoje em dia estou colocando tudo na prática, os conhecimentos que na ETAF obtive, e estou muito agradecido pelos professores. Adquiri conhecimentos que mudaram minha vida”*. (M.P.)

Para um acompanhamento do desenvolvimento dos jovens, e também para uma avaliação dos professores e da própria Escola, foi aplicado questionário aos alunos para avaliação do Curso de Técnico em Agricultura Familiar na ETAF – Pedro Pomar, no 2º semestre de 2005 para os 2º e 3º Módulos e repetido no 1º semestre de 2006 para o 1º Módulo, cujos resultados encontram-se no anexo ...As respostas a esse questionario mostraram de forma previa o que se constatou nos dados apresentados acima.

3.4.2. Métodos de Ensino da ETAF e do Ensino Médio

Uma vez analisado os métodos de ensino empregados n ETAF, pediu-se também para que os alunos comparassem esses métodos com os aplicados na Escola de Ensino Médio que freqüentavam, ou que já tinham freqüentado. Os resultados se apresentam abaixo.

Para 94% dos formados, da turma de 2004, questionados, os métodos de ensino na ETAF foram melhores que os utilizados no Ensino Médio; para 6% não notaram diferença entre as Escolas e nenhum aluno considerou o ensino aplicado na ETAF pior que o das Escolas de Ensino Médio. A mesma tendência se verifica para os formados de 2005 com 84% dos alunos considerando o ensino da ETAF melhor e 6% igual aos do Ensino Médio, novamente nenhum aluno considerou a ETAF pior que as outras Escolas que estudaram. Para os formados de 2006, novamente observamos que 91% dos pesquisados classificaram a metodologia de ensino da ETAF superior as Escolas de Ensino Médio, enquanto para 9% não houve diferença; outra vez nenhum aluno considerou pior os métodos de ensino da ETAF, quando os comparou com as demais Escolas freqüentadas. (Tabela 6).

Tabela 6. Distribuição dos alunos formados na ETAF segundo os métodos de ensino da ETAF comparado com o ensino médio, 2004, 2005 e 2006.

	2004		2005		2006	
	alunos	fri %	alunos	fri %	alunos	fri %
Pior	0	0	0	0	0	0
Igual	2	6	5	16	3	9
Melhor	30	94	27	84	29	91
Total	32	100	32	100	32	100

Fonte: Dados da Pesquisa

A maioria dos formados achou a metodologia de ensino da ETAF melhor que a utilizada no Ensino Médio, porque tratava de sua realidade, de seus anseios, de suas necessidades. As aulas não ficavam presas apenas as salas e as atividades práticas e os técnicos das diferentes áreas que com frequência eram convidados para levarem sua experiência aos alunos da Escola também colaboraram para esse resultado. Outra característica citada foi a possibilidade de aplicar em sua propriedade o que aprendia, ou seja, as tarefas agendadas para casa ajudavam a tentar resolver os problemas apresentados no dia a dia da empresa familiar. *“Porque na ETAF sai com um aprendizado de coisas diferentes e muito mais interessantes, coisas que no ensino médio não teve.”* (K.F.). *“Os dois foram bons, mas a ETAF foi melhor pelas aulas práticas”.* (R.E.L.). *“Porque os professores ensinam bem mais que os do ensino médio”.* (S.D. de O.). *“Existiam aulas práticas e teóricas, e na prática os professores mostravam aquilo que era passado na sala, muitas dúvidas deixavam de existir, o que não acontecia no ensino médio”.* (C.A.O.N.)

Segundo o Caderno Cultivando Sonhos do ITESP (1998), as técnicas de extensão rural como dia de campo, campo de demonstração, excursões, entre outras são de extrema importância para a divulgação e adoção de diversas tecnologias de exploração agrícola, adequando-as aos objetivos da Reforma Agrária e às condições da agricultura familiar.

4. Conclusões

O presente trabalho de pesquisa procurou avaliar a importância da Escola Técnica de Agricultura Familiar – ETAF – Pedro Pomar, na formação dos jovens que cursam sua habilitação técnica, para a comunidade na qual esta inserida e as consequências desta para o desenvolvimento rural sustentável.

Constatou-se que a criação de uma Escola Técnica implantada no próprio meio rural possibilitou a jovens que dificilmente teriam a possibilidade de cursar uma habilitação técnica pudessem fazê-lo. Considerando os grupos pesquisados, composto de três turmas de alunos que concluíram a habilitação técnica em agricultura familiar, foram aproximadamente cem jovens diplomados, que segundo relato deles próprios,

seria praticamente impossível obter essa formação caso a Escola não estivesse em seu próprio meio.

Percebemos também a importância social da Escola, que através de festas para arrecadar verba para suprir as necessidades destas, conseguiu integrar a comunidade distribuída em seis áreas de assentamento e de pequenas propriedades familiares, resultando inclusive em união conjugal de alguns jovens que participaram dos eventos promovidos.

A formação técnica, oferecida pela ETAF, possibilitou aos jovens permanecerem em suas propriedades, com uma participação mais ativa com relação as tomadas de decisões e administração desta, aumentando, também, o nível tecnológico e de técnicas aplicadas, com conseqüente aumento na renda familiar.

A pesquisa nos mostrou, também, que as propriedades dos jovens são todas enquadradas dentro da definição de agricultura familiar, inclusive as áreas de assentamento, e que todo o recurso humano, para execução das tarefas na propriedade, vem da própria família.

As métodos de ensino-aprendizagem utilizados na ETAF foram aprovados pelos alunos por se trabalhar dentro de sua realidade, onde este trazia seus problemas para a Escola e através da participação dos colegas procurava-se solucioná-las, fugindo dos métodos bancários tradicionalistas, próprios do meio urbano, que deixam de trabalhar dentro da realidade do meio rural, ou seja, buscou-se aplicar a educação no campo. Como conseqüência havia maior participação dos alunos nas aulas e isso se refletiu nos benefícios que a ETAF trouxe para sua vida profissional e aplicação do que foi apreendido na Escola para sua propriedade.

Apesar dos benefícios comentados acima, existem falhas que precisam ser sanadas, relacionadas as instituições e atores ligados a ETAF:

- diminuir a burocracia entre o Centro Paula Souza e o ITESP para a assinatura do termo de parceria, que por pequenas cláusulas jurídicas, que não trazem nenhum ônus para ambas as instituições, tem prejudicado a divulgação da habilitação oferecida pela ETAF, e conseqüentemente a formação das classes de alunos;

- cursos de capacitação para os professores, tanto relacionados as ementas trabalhadas pela ETAF - principalmente os relacionados a ATER, agroecologia e desenvolvimento sustentável - como de metodologia de ensino voltado para o P.B.L. -

“Problem Basead Learning “, ou Aprendizagem Baseada em Problemas, como seu método de ensino pois dessa forma busca aplicar os mais atualizados conhecimentos da Pedagogia e Psicologia Educacional no ato de ensinar e aprender;

- a coordenação da ETAF deve ser exercida por profissional comprometido com a ideologia proposta para a Escola, e este deve ter participação na comunidade, para que esta se sinta parte integrante da Escola, o que na realidade o é;

- outras habilitações técnicas ou cursos de qualificação profissional devem ser oferecidos pela ETAF, inclusive no período noturno, para atender as pessoas que trabalham durante o dia e, por essa razão, não conseguem frequentar os cursos matutinos;

Apesar desses problemas, que são totalmente passíveis de serem sanadas, a ETAF compre com os objetivos propostos. Es além da habilitação fornecida pelo Centro Paula Souza, outros cursos de qualificação de recursos humanos são oferecidos para a comunidade.

A parte mais difícil, aquela de sua implantação, já foi vencida, agora resta as instituições e pessoas envolvidas no projeto, terem o bom senso de resolverem os detalhes que acabam travando o desenvolvimento das atividades da Escola, cujas conseqüências negativas, recaem, como sempre, sobre a comunidade que acreditou e se dedicou ao sucesso da ETAF – Pedro Pomar.

5. Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas : Editora Hucitec, ANPOCS, Editora da UNICAMP. 1992.

BERGAMASCO, S. M. P. P. Família e trabalho rural no Brasil e no Estado de São Paulo. *Informações Econômicas*, São Paulo, v.23, p. 7-16, 1993 (Suplemento 01/93).

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretária da Agricultura Familiar. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Versão Final. Disponível em: <<http://www.pronaf.gov.br/ater/Docs/pnater.doc>>. Acessado em 22 fev. 2008.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Lei da Agricultura Familiar recebe sanção presidencial. Disponível em:

<<http://www.mda.gov.br/index.php?ctuid=9827&scid=134>>. Acessado em: 18 mar. 2008.

- CAMPOLIN, Adalgiza Inês. *Quando alunos e alunas são rurais e a escola é urbana: o significado do ensino médio para jovens rurais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Educação/Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. *Sonhos, desejos e a “realidade”: herança, educação e trabalho de ‘jovens rurais’ da Baixada Fluminense /RJ*. In: **I Simpósio Internacional de Juventude Brasileira- JUBRA**, Rio de Janeiro:UFRJ, out /2004
- CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e Sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2005.
- CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión. 1974.
- DESER/Comissão de Jovens do Fórum Sul dos Rurais da CUT. **Perspectivas de vida e trabalho da juventude rural da região Sul**. Convênio: Ceris/Fórum Sul dos Rurais da CUT/Deser 1999. (mimeo.)
- DURSTON, John. *La situación de la juventud rural en América Latina : invisibilidad y estereotipos*. In: DURSTON, John. *Limitantes de ciudadanía entre la juventud latinoamericana* . **Revista Iberoamericana de Juventud**, Madrid, n. 1, 1996.
- DURSTON, John. **Juventud rural em Brasil y México: reduciendo la invisibilidad**. Santiago do Chile: CEPAL, 1998. Disponível em: www.cinterfor.org.uy. Acesso em: 18 out. 2008.
- FAO/INCRA. **Diretrizes da política agrária e desenvolvimento sustentável**. Brasília: FAO/INCRA, 1995.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário**, Rio de Janeiro. 2006.
- ITESP- Instituto de Terras do Estado de São Paulo. **Cultivando sonhos: caminhos para a assistência técnica na reforma agrária**. 2.ed. São Paulo: ITESP, 1998. 97p. (Série Cadernos Itesp, número 7).

LAMARCHE, H. (Coord.). **A agricultura familiar**: comparação internacional. v.1: Uma realidade multiforme. Campinas : Editora da UNICAMP, 1993.

PEREIRA , Jorge Luiz de Goes . Para além das fronteiras entre campo e cidade.

In: **XXIV Reunião Brasileira de Antropologia**, Olinda, junho de 2004.

WANDERLEY, M. de N. B. Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander Chayanov. In: FERREIRA, Angela Duarte Damasceno e BRANDENBURG, Alfio. **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1998. p. 29-49.

WANDERLEY, M. de N. B. **Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro**. Projeto de pesquisa, Universidade Federal de Pernambuco, 2003 (mimeo).